



O FRONTEAMENTO DE INFINITIVOS E PARTICÍPIOS EM PORTUGUÊS ANTIGO E A HIPÓTESE DO FRONTEAMENTO ESTILÍSTICO*

FRONTING OF INFINITIVES AND PARTICIPLES
IN OLD PORTUGUESE AND THE STYLISTIC
FRONTING HYPOTHESIS

Aroldo de Andrade¹

Resumo: Este texto apresenta uma análise quantitativa e qualitativa (formal) para o problema do frenteamento de infinitivos e participios em português antigo. A hipótese adotada é que esse movimento é um subcaso de frenteamento estilístico. Os resultados alcançados confirmam as propriedades sintáticas esperadas; quanto ao aspecto informacional, sugere-se que em alguns

* Uma versão prévia do presente artigo foi apresentada no *Seminário Internacional sobre a ordem de palavras nas línguas ibero-românicas*, ocorrido em 2017, na UFBA. Agradeço aos comentários e críticas de componentes da plateia, e de dois pareceristas anônimos. Agradeço também a Susann Fischer pela colaboração em trabalho anterior, e à Fapesp (por meio de bolsa de pós-doutorado) e à Faepex/Unicamp (por meio de auxílio à participação em evento científico) por terem permitido o financiamento de uma visita técnica à Universidade de Hamburgo em 2013, do qual este trabalho também se beneficiou. Finalmente, meus créditos a Charlotte Galves, pela interlocução constante, e a Carlos Felipe Pinto, pela organização do evento e por abrir o espaço de publicação. Assumo a responsabilidade por eventuais erros e inconsistências remanescentes.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: aroldoleal@letras.ufmg.br.

contextos há marcação de foco, enquanto noutros há valoração de um traço formal, sem implicar uma interpretação distinta. Finalmente, discutem-se algumas implicações da proposta.

Palavras-chave: Português antigo; Infinitivos; Particípios; Fronteamento; Línguas românicas.

Abstract: *This text presents a quantitative and qualitative (formal) analysis for the problem of fronting of infinitives and participles in Old Portuguese. The adopted hypothesis is that this movement is a subcase of stylistic fronting. The attained results have confirmed the expected syntactic properties; as for the informational aspect, it is suggested that in some contexts there is focus marking, while in others there is the valuation of a formal feature, without implying a different interpretation. Finally, some implications for the proposal are discussed.*

Keywords: *Old Portuguese; Infinitives; Participles; Fronting; Romance Languages.*

1 INTRODUÇÃO

O fronteamento de infinitivos e participios (FI/P) consiste num fenômeno pelo qual um infinitivo ou participio precede um verbo finito, sendo que os dois formam um predicado complexo. Nas línguas românicas antigas esse fenômeno era bastante comum, como se nota nos seguintes exemplos do português antigo:

- (1) *Matar me podes se te apraz (José de Arimateia)*
- (2) *Começada he a Demanda do Santo Graal? (Demanda do Santo Graal)*

Trata-se de tema que vem sendo estudado, no âmbito da filologia e da linguística românica, seguindo hipóteses bastante distintas, tais como:

- (3) Hipóteses para o fronteamento de infinitivos e participios
 - a. Estratégia de pôr o clítico ou o verbo em segunda posição
 - b. Estratégia de marcação informacional
 - c. Estratégia para estabelecer uma demarcação retórica

Neste trabalho, exploro a hipótese de que a explicação em (3b) é superior às demais, considerando uma análise unificada para o fronteamento de participios e de infinitivos, de acordo com a qual seriam subcasos de fronteamento estilístico, que tem sido discutido na literatura sobre sintaxe de línguas germânicas. Para tanto, utilizo dados recolhidos em corpora sintaticamente anotados do português antigo.

O artigo está organizado da seguinte forma. A seção 2 inclui uma revisão de literatura sobre as motivações para o fronteamento estilístico. Na seção 3, apresento os pressupostos teóricos e metodológicos seguidos neste trabalho. Na seção 4 reúnem-se os resultados quantitativos, considerando variáveis sintáticas e informacionais. Na seção 5, discute-se sobre quais estruturas sintáticas e

informativas podem melhor explicar os dados. Finalmente, a seção 6 conclui o artigo.

2 AS PRINCIPAIS ANÁLISES PARA O FRONTEAMENTO DE INFINITIVOS E PARTICÍPIOS

A questão do FI/P tende a ser explicada como epifenômeno, isto é, ela seria motivada por mecanismos mais gerais do sistema linguístico. O que divide os investigadores é o nível de análise ao qual atribuir o fenômeno: se puramente sintático, se pragmático ou retórico (discursivo). Nota-se que uma abordagem prosódica é de difícil aceitação, tendo em vista não há uma associação clara do fenômeno com textos em verso, ou com algum aspecto rítmico. As principais linhas de análise são resumidas nas subseções a seguir, que se concluem com uma breve avaliação.

2.1 FI como estratégia de clítico² ou V2

Uma das primeiras propostas para o fenômeno é Rivero (1993), que considera que o fronteamto de infinitivos (FI) seria uma estratégia de último recurso, encontrada na maioria das línguas românicas, exceto o francês. O elemento motivador desse movimento — então denominado movimento nuclear longo — seria o clítico, que não podia estar em primeira posição na sentença (Lei de Tobler-Mussafia) (exemplo de *Calila e Dimna*, citado em RIVERO, 1993, p. 218):

- (4) *Dezir-vos* he cosa que vos será pro
dizer-vos hei coisa que vos será benéfica
'Vou dizer-vos algo que vos será benéfico'

Outras características do fenômeno são:²

- a) restrição a contextos raiz, ou a encaixadas com valor de raiz;
- b) limitação do movimento ao mesmo domínio oracional;
- c) impossibilidade de quebra da adjacência entre I/P e (clítico+) verbo finito;

² Uma predição do modelo, excluída da lista acima porque é apresentada de maneira tentativa no original, diz respeito à impossibilidade de preenchimento de Spec,CP. Em outras palavras, a previsão é que FI não possa interagir com o movimento *qu-*, o que seria um corolário do Princípio de Economia Derivacional (CHOMSKY, 1989), segundo o qual uma derivação mais econômica deve ser preferida a outra mais custosa.

- d) incompatibilidade com V2 germânico, pois aí ocorre um elemento em C⁰, que necessariamente precisa ter o valor [+finito];
- e) inexistência de valor informacional, já que se trata de movimento de último recurso.

Em sua proposta minimalista revisada para o movimento de núcleo, Roberts (2010) considera dados de uma língua céltica moderna, o bretão, que apresenta dados bastante semelhantes aos de línguas românicas antigas, inclusive por compartilhar as propriedades acima. Em vez de manter o clítico em segunda posição, o requerimento aqui é que o verbo esteja em segunda posição, nesse contexto (exemplos extraídos de ROBERTS, 2010, p. 194):

- (5) a. *Lenn* =a ra Anna al levr
 ler PRT faz Anna o livro
 ‘Ana lê o livro’
- b. *Lennet* =en deus Anna al levr
 lido PRT tem Anna o livro
 ‘Anna leu o livro.’

Nos exemplos acima, nota-se que tanto um infinitivo quanto um particípio podem ser utilizados, sendo que em (5a) não há tempo composto, mas a inserção de um auxiliar *dummy*, uma forma de *ober* (‘fazer’).

Uma vez que o auxiliar apresenta traços de TAM (Tempo, Aspecto ou Modo) e tem estatuto de clítico, pode-se postular que, tanto no bretão como nas línguas românicas antigas a motivação seria fonológica, isto é, o particípio ou infinitivo se move para garantir a boa formação da sentença. Parece que um requisito semelhante é encontrado no caso dos clíticos de segunda posição em línguas eslavas.

Essa proposta, infelizmente, não pode ser estendida ao movimento de particípios. Por outro lado, ela é aplicável à derivação da mesóclise, no FI.

2.2 FI/P como estratégia de marcação informacional

Fischer (2010) considera o FI/P como uma instanciação de fronteamto estilístico, um fenômeno bastante estudado em línguas escandinavas e especialmente no islandês. Contrariamente a Rivero (1993), ela recupera dados de outros autores que observam a existência de FI/P também no francês antigo — o que inexistia nessa língua era, na verdade, a mesóclise.

As principais características do fronteamento estilístico no islandês são as seguintes, de acordo com a maioria dos investigadores sobre o tema:

- a) limitação do movimento ao mesmo domínio oracional;
- b) limitação do movimento conforme princípios de localidade, como a minimalidade relativizada, o que impede que ele ocorra por sobre um advérbio sentencial, inclusive a negação;
- c) opcionalidade do movimento e, portanto, a inexistência de efeitos interpretativos a ele vinculados;
- d) restrição do movimento a constituintes nucleares, podendo estes ser de diversas categorias (adjetivo, advérbio, particípio, infinitivo, preposição);
- e) exigência de que haja uma lacuna de sujeito na oração, isto é, o fenômeno ocorre em orações em que o sujeito foi apagado, extraído ou está deslocado, não ocorrendo em sua posição canônica (Spec,IP).

Desses cinco pontos, a autora só retém os dois primeiros como características obrigatórias da construção, como ilustram os exemplos abaixo (extraídos respectivamente de JÓNSSON, 1991, p. 15 e de HOLMBERG, 2000, p. 449ss):

- (6) a. Sá sem sagði að byrjað væri ___
 ele que disse que começado era
 að rigna var að grínast
 a chover estava brincando
 ‘Ele, que disse que tinha começado a chover, estava brincando.’
- b. *Sá sem byrjað sagði að væri ___
 ele que começado disse que era
 að rigna var að grínast
 a chover estava brincando
- (7) a. þeir sem ekki hafa ___ búíð í Ósló
 aqueles que NEG têm vivido em Oslo
 ‘aqueles que não têm vivido em Oslo’
- b. *þeir sem búíð hafa ekki ___ í Ósló
 aqueles que vivido têm NEG em Oslo

Uma análise detida da própria literatura sobre o islandês demonstra que os pontos c), d) e e) não são definidores do fronteamento estilístico. Mais especificamente, c) e d) apresentam exceções, pois há casos em que o fronteamento está associado a uma interpretação de foco contrastivo, marco em maiúsculas em ((8)), e outros que demonstram um movimento de sintagma ((9)) (exemplos de SIGURÐSSON, 1997 e HOLMBERG, 2000, p. 449ss):

- (8) a. ... sem *GERT* hafa __ eitthvað en ekki bara talað
 ... que algo têm feito e NEG só falado
 ‘... que fizeram ALGO e não só falaram.’
- b. *... sem *gert* hafa __ eitthvað en ekki bara talað
 ... que algo têm feito e NEG só falado
- (9) Þeir sem í Ósló hafa búið __ segja að...
 aqueles que em Oslo têm vivido dizem que
 ‘Aqueles que têm vivido em Oslo dizem que...’

O terceiro ponto, por outro lado, parece ser correto enquanto exigência vinculada à construção, mas não é suficiente para caracterizá-la, pois há exemplos em que o fronteamento não é aceitável, não obstante a presença de uma lacuna de sujeito (exemplo de RÖGNVALDSSON; THRÁINSSON, 1990):

- (10) *Jóni: vona ég [að þessa bók láni ti einhver].
 Jón espero eu que esse livro empreste ti alguém
 ‘A Jón, espero que alguém (lhe) empreste esse livro.’

Dirijo de Fischer quanto a esse último ponto. Assim, mantenho a característica e) como necessária (mas não suficiente) para caracterizar o fronteamento estilístico nas línguas escandinavas, seguindo as observações em Poole (2007).

No que diz respeito à motivação para o fronteamento, Hrafnbjargarson (2004) segue a linha de pesquisa que aposta na existência de um valor interpretativo, que para ele estaria sempre relacionado ao fronteamento estilístico. Nesse sentido, ele demonstra que:

- palavras desprovidas de valor semântico (auxiliares “puros”) não podem sofrer fronteamento;

-
- no caso do fronteamento de certos advérbios vinculados a foco, há mudança no seu escopo, o que traz consequências interpretativas.

Ao incluir um maior conjunto de línguas no escopo de sua pesquisa, Fischer (2010) propõe que o fronteamento pode responder tanto à focalização como ao avanço de plano discursivo (*foregrounding*), interpretado como forma de enfatizar uma informação já conhecida, como no seguinte exemplo do catalão (extraído de LLULL, 1931[1288], citado em FISCHER, 2010, p. 149):

- (11) Fèlix se meravellà del hermità com no
F. REF surpredeu de.o ermitão como NEG
li responia a la demanda [que feta li havie]
lhe respondia à pergunta que feita lhe tinha
'Fèlix se surpredeu que o ermitão não lhe deu uma resposta para a
questão que ele lhe tinha feito.'

A autora interpreta que há uma ênfase no porque Fèlix se envontaria diante de uma situação inesperada: esse personagem pergunta a um ermitão sobre quem é Deus e demora a receber uma resposta. De fato, pelo contexto não há elementos para se considerar a existência de foco contrastivo.

Dentro desse escopo teórico, a existência de algum valor interpretativo parece ser esperada no âmbito da perspectiva gerativista (CHOMSKY, 2008), em que movimentos A' para a periferia esquerda da oração que não ocorram por último recurso podem ser motivados por um traço de borda (*edge feature*), especificados como traços criteriosais no âmbito do modelo cartográfico.

2.3 FI/P como estratégia de demarcação retórica

Essa última perspectiva talvez devesse ser nomeada como a mais antiga, mas está aqui posta posteriormente às duas outras porque só recentemente foi aplicada às línguas românicas. Nos estudos sobre os textos latinos vigorou, a partir da década de 1930, a hipótese do *colon* (plural *cola*; FRAENKEL, 1932). O *colon* é um conceito utilizado no âmbito da retórica, porém corresponde a uma unidade sintática que delimitava partes de uma sentença, como se observa na sentença abaixo, em que as fronteiras de *cola* são marcadas com barras (exemplo de CAESAR, 2009 [52 a.C.], citado em SPEVAK, 2010, p. 11):

- (12) Cuius adventu nuntiatio / L. Plancus / qui legionibus
sua chegada anunciada L. Plancus.NOM que legiões.DAT
placuerat / necesaria re coactus /
comandou necessariamente por ser.forçado
locum capit superiorem.
lugar.ACUS toma superior.ACUS
‘No relatório de sua chegada, Lucius Plancus, que estava no comando
das legiões, por força da necessidade, ocupa o terreno superior.’

Segundo essa visão, constituintes descontínuos em línguas clássicas como o latim demarcariam limites de *cola*. A função retórica desse recurso estilístico poderia estar associada a questões prosódicas, em que palavras enfáticas seriam usadas em posições em que recai acento de sentença, se bem que alguns autores defendam a existência, em separado, de *cola* retóricos e prosódicos.

Apesar de ser uma ideia até então confinada aos estudos de línguas clássicas, Elvira (2017) propõe que vários constituintes descontínuos no espanhol medieval seriam devidos à sobrevivência desse mesmo mecanismo retórico. Dessa forma, ele lista os seguintes elementos em posição inicial, que seriam atribuíveis à demarcação de um *colon*:

- os advérbios *mucho/muy, grande, e bien*;
- os infinitivos e participios.

Para o autor, a demarcação de *colon* era uma figura retórica que poderia estar associada à ênfase, mas não necessariamente. Além de marcar *cola*, certos elementos poderiam trazer um efeito de paralelismo, sendo indicativos de coordenações (respectivamente de SILVA, 1514 e *Cantar de Mio Cid*, 1967[~1200], citados em ELVIRA, 2017)

- (13) a. Tornados al real, / *mucho* fueron alegres porque hallaron
tornados ao real, muito foram alegres porque acharam
que avian llegado al puerto dos flotas grandes
que haviam chegado ao porto duas frotas grandes
en sua favor
em POSS.F.SG favor
‘Tornados à realidade ,ficaram muito alegres porque pensaram que duas
armadas grandes tinham chegado ao porto em seu favor.’

b. *muchas* son las *arrobdas* e / *grande* es el *almofalla*
muitos.F são ART.F.PL impostos e grande é ART.M.SG arraial
'muitos são os impostos (pagos) e grande é o arraial.'

Apesar da origem do termo *colon*, ele não está vinculado à marcação de relações discursivas, sendo aparentemente essa a razão de os defensores dessa corrente não relacionarem o fenômeno a um valor pragmático. Além disso, a conexão com um valor prosódico faz mais sentido numa língua com o ritmo do latim clássico, que era bastante distinto daquele das línguas românicas (e do latim vulgar). Portanto, a única forma de se aceitar essa explicação é crer que os escribas medievais copiavam padrões latinos em sua escrita, padrões esses que não refletiam a língua falada.

Devido a essa conotação, não considero adequado para o objetivo deste texto a adoção da hipótese de demarcação retórica, pois ela é dificilmente falseável e portanto não satisfaz aos requisitos básicos de uma teoria formal, que é a adotada no presente estudo. Além disso, considero que a hipótese que relaciona o fronteamto com a segunda posição da sentença se limita aos casos que envolvem mesóclise. Portanto, a teoria que trabalha com a hipótese de marcação informacional é aquela com maior possibilidade de responder à questão da motivação para o movimento. No entanto, voltarei a debater detalhes levantados por defensores das visões alternativas na seção 5.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

3.1 Pressupostos teóricos

Este trabalho se desenvolve de acordo com o modelo teórico da Teoria da Gramática, e mais especificamente com os pressupostos do Programa Minimalista em suas versões mais recentes (CHOMSKY, 2008). Por essa razão, considera igualmente os pressupostos da perspectiva gerativista para os estudos em sintaxe diacrônica (ROBERTS, 2007).

De maneira mais específica, assumo que o português antigo e clássico, assim como outras línguas românicas medievais (mas não todas — cf. WOLFE, 2015), eram línguas V2 “relaxadas” (cf. p. ex. RIBEIRO, 1995; ANTONELLI, 2011; PINTO, 2011, para o português antigo, o português clássico e o espanhol antigo, respectivamente). Considero, para o português antigo, que semelhantemente ao que ocorria no português clássico, o verbo devia se mover até o núcleo C^0 (mais especificamente, Fin^0 , numa análise cartográfica). A

escolha do termo “V2 relaxado” tem a ver com o fato de o movimento de um sintagma para uma das posições de especificador da periferia esquerda não ser obrigatório, mas unicamente dependente de requisitos da estrutura informacional.

No que tange à estrutura informacional, considero-a neste trabalho como um módulo em separado, onde são codificadas noções semântico-pragmáticas em interface com os módulos morfossintático e prosódico (ERTESCHIK-SHIR, 1997). Para explicar a ordem de palavras em conexão com a estrutura informacional, adoto a proposta cartográfica de Frascarelli e Hinterhölzl (2007).

3.2 Pressupostos metodológicos

Este texto baseou-se em pesquisa baseada em corpus sintaticamente anotado. O corpus aqui utilizado inclui a versão dos quatro seguintes textos, disponibilizada no âmbito do projeto *WOChWEL* (MARTINS et al., 2012):

- José de Arimateia;
- Demanda do Santo Graal;
- Documentos Legais;
- Crónica Geral de Espanha.

Para tanto, foi realizado o mecanismo de buscas automáticas a partir da ordem de palavras investigada — participio ou infinitivo em começo de oração —, com auxílio do software *CorpusSearch*, o que permitiu compor uma base de dados com pouco menos de duzentas frases. Apesar de aparentemente pequena, a amostra é considerada satisfatória, tendo em vista que a construção estudada é marcada, respondendo por cerca de 1% das sentenças relevantes.

A classificação geral das sentenças de interesse para a pesquisa incluiu os seguintes critérios:

- Tipo de oração (matriz / encaixada);
- Polaridade (afirmativa / negativa);
- Estatuto do sujeito (nulo / pós-verbal / pré-verbal).

Note-se, além disso, que quando o participio teve valor adjetival, isto é, com significado resultativo, ele foi excluído da base de dados.³

³ A classificação suplementar entre participios passivos e perfeitos foi igualmente realizada; porém, como não está vinculada a nenhuma hipótese, foi deixada de lado.

Após a classificação dos dados, eles foram quantificados para a obtenção de estatísticas simples. Os resultados advindos dessa tarefa são apresentados a seguir.

4 RESULTADOS QUANTITATIVOS

A apresentação dos resultados seguirá a ordem dos grupos de fatores propostos na classificação. Como o leitor deverá ter percebido, a maioria desses fatores visa a verificar o conjunto de características elencadas no âmbito da proposta de Fischer (2010), que considera o FI/P como instanciações de fronteamto estilístico.

Primeiramente, considere-se a distribuição dos casos de FI/P quanto ao tipo de oração, tal como mostrado na Tabela 1.

Tabela 1. A distribuição do FI/P de acordo com o tipo de oração.

FI/P – tipo de oração	<i>Matriz</i>	<i>Encaixada</i>	<i>TOTAL</i>
<i>FI</i>	89 64%	49 36%	138
<i>FP</i>	23 53%	20 47%	43

Nota-se uma preferência pelo uso de FI/P em contextos matrizes, um pouco mais pronunciado no caso de FI. Tais resultados estão de acordo com uma das propriedades enunciadas em Fischer (2010), porém contra o previsto em Rivero (1993). Nota-se, numa análise mais detalhada, que em alguns exemplos as orações encaixadas têm valor de orações matrizes, como na completiva a um verbo-ponte ((14a)) mas nem sempre, como na adjunta ((14b)):

- (14) a. E hũu homẽ boo, que avya nome Gonçallo Diaz, disselhe que, [quanto *fazer* podesse pera partir esta lide], que o fezesse... (*Crônica Geral de Espanha*)
- b. E Deos, por a sua graça, lhes enviou a cada ãu o que desejava e foram tam viçosos que nunca, [des que *nados* foram], o foram tanto. (*José de Arimateia*)

Além disso, em consonância com o esperado pela hipótese de fronteamto estilístico, não se notou que o constituinte movido por FI/P tenha se originado de uma oração encaixada, nos exemplos relevantes em orações matrizes.

Outro aspecto relevante para verificação da hipótese de fronteamento estilístico diz respeito à correlação com marcadores de polaridade negativa intervenientes no movimento do infinitivo ou particípio. Confira a Tabela 2.

Tabela 2. A distribuição do FI/P de acordo com o valor de polaridade.

FI/P – polaridade	<i>Afirmativa</i>	<i>Negativa</i>	<i>TOTAL</i>
<i>FI</i>	127 92%	11 8%	138
<i>FP</i>	41 95%	2 5%	43

Nos exemplos em orações negativas, nota-se que o marcador de negação é sentencial, e não de constituinte, possível às vezes junto ao infinitivo. Nos exemplos a seguir, nota-se que *nom* precede o verbo finito, estando portanto “no caminho” de FI/P, o que deveria ser impedido pelo princípio de Minimalidade Relativizada, se o movimento envolvido no FI/P é de núcleo. Observem-se os exemplos a seguir:

- (15) a. Ay senhor, disse elle, *matarme* nom podedes mais do que me matastes. (*Demanda do Santo Graal*)
- b. Senhor, dise, ho penssamêto que bem queria de ño aver de prender armas per preyto que *feyto* ho ño ouvesse (*Demanda do Santo Graal*)

Passando agora à variável *tipo de sujeito* (expressão e posição), é digno de nota que, como previsto pelas propriedade c) listada no resumo do trabalho de Rivero (1993), não é possível a ordem I/P-sujeito-V, com quebra da adjacência entre o constituinte fronteado e o verbo finito, exceto se o constituinte interpolado for a negação, que tem valor clítico. Portanto, há somente três possibilidades efetivamente verificadas nos dados: sujeito nulo, sujeito pré-verbal (sujeito-I/P-V) e sujeito pós-verbal (I/P-V-sujeito), como se descreve na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3. A distribuição do FI/P de acordo com o tipo de sujeito.

FI/P – tipo de sujeito	<i>Nulo</i>	<i>Pré-verbal</i>	<i>Pós-verbal</i>	<i>TOTAL</i>
<i>FI</i>	113 82%	18 13%	7 5%	138
<i>FP</i>	29 67%	2 5%	12 28%	43

Alguns exemplos de sujeitos pré-verbais e pós-verbais recolhidos da base de dados são apresentados a seguir. Enquanto os casos em (16) podem ser analisados como incluindo sujeitos em posição topicalizada, aqueles em (17) têm dificuldade em receber uma análise compatível com o requisito de lacuna de sujeito, prevista de acordo com a hipótese de fronteamto estilístico:

- (16) a. E tanto fizeram os cristãos que dentro na cidade nom ficou pagão vivo que eles achar pudessem. (*José de Arimateia*)
b. Quando o homẽ boo que hý estaua vÿu a Gualuõ tall doo fazer, logo ãtendeo que o caualleiro passado era (*Demanda do Santo Graal*)
- (17) a. Tenham, dise el, ca *tornarme* quero eu, ca chaamẽte uejo mjnha morte se adiante uou. (*Demanda do Santo Graal*)
b. E, se o eu derribo, *vençudos* seerã todollos outros, que me nõ ousaram de atender. (*Crônica Geral de Espanha*)

A existência de sujeitos pós-verbais parece ferir o requisito de ocorrência de uma lacuna de sujeito: segundo a proposta de V2 “relaxado” em Antonelli (2011), tais sujeitos estariam em Spec,IP, após o verbo em Fin⁰, o que representa uma configuração de inversão germânica. Como se vê em (17), os constituintes nessa posição podem ser tanto nominais quanto pronominais, o que igualmente dificulta atribuir tal ocorrência ao fato de que os sujeitos seriam pronomes fracos, com propriedades linguísticas distintas.

Como conclusão da presente seção, tem-se que somente duas propriedades das que foram anteriormente atribuídas ao FI/P podem ser mantidas, quais sejam: a adjacência V-V (excluída a possibilidade de clíticos intervenientes) e o movimento curto, isto é, dentro do mesmo domínio oracional. Dessa forma, algumas características tidas como relevantes para uma análise de fronteamto estilístico, tais como a restrição ao movimento sobre o marcador de negação (assim como outros advérbios), e o requerimento de existência de uma lacuna de sujeito não foram confirmados. Isso nos leva à necessidade de discutir mais a fundo tais requisitos.

5 DISCUSSÃO

5.1 Características sintáticas do FI/P

Os dados demonstram que os dados de FI/P não apresentam um padrão de ocorrência compatível com todas as principais características vinculadas ao fronteamto estilístico do islandês. Vejamos se tais limitações são impeditivas à consideração desse movimento como um tipo de fronteamto estilístico.

O princípio de minimalidade relativizada estabelece que, num marcador sintagmático com as posições X, Z, Y, um constituinte ocupando Y não pode se mover para X se Z é um elemento interveniente que c-comanda Y (mas não X) e, além disso, que α -rege Y. A relação de c-comando inclui o nóduo irmão e seus filhos, enquanto a α -regência implica uma relação de mesmo tipo (núcleo, sintagma A ou A'). Ora, a partir do relaxamento da propriedade d), citada junto ao resumo de Fischer (2010), abriu-se a possibilidade de haver movimento de sintagma ou núcleo, e torna-se factível o movimento por sobre o marcador de negação, se o elemento movido é um sintagma. Essa possibilidade está documentada para o islandês (exemplo de THRÁINSSON, 2007, p. 373):

- (18) *Í umræðunum hafði ekki komið fram ___ að...*
em discussão.ART tinha NEG vindo adiante que...
'Não apareceu na discussão que...'

Em Franco (2009), observa-se igualmente a possibilidade de FI/P sobre o marcador de negação em italiano antigo. Isso me leva a aplicar, para o português antigo, uma versão da proposta ali apresentada, no sentido de que o movimento envolvido é sempre de sintagma (vP), havendo situações de movimento remanescente, isto é, em que outros constituintes movem-se igualmente para outras posições na sentença, dando a impressão de que se trata de movimento de núcleo.

No que tange à exigência de lacuna de sujeito, nota-se que a grande maioria das línguas em estudo apresentam V2 simétrico, tradicionalmente analisado como envolvendo movimento de V para I. Assim, as frases barradas por essa previsão apresentam um sujeito pré-verbal (exemplo do islandês moderno, extraído de POOLE, 2007, p. 2):

- (19) *Ég held að Jón séð hafi ekki ___ þessa mynd.
eu acho que Jón visto tinha NEG esse filme
'Eu acho que Jón não viu esse filme.'

Nessa altura vale a pena voltar um pouco no debate de fundo e verificar qual seria a razão para a exigência de lacuna de sujeito. Considerando o que diz Maling (1990), a exigência se relaciona ao efeito V2: a ocorrência de um sujeito na posição canônica nesse tipo de língua, ao lado do constituinte frontado, implicaria uma violação do requisito de línguas V2 “rígidas” de haver somente um constituinte antes do verbo finito. Ora, o português antigo não é uma língua de V2 “rígido” razão pela qual a restrição que prevê uma lacuna de sujeito torna-se obsoleta, para esse sistema.⁴

Tendo em vista o arrazoado acima, minha conclusão parcial é a de que os resultados quantitativos que indicam diferenças entre FI/P no português antigo face ao islandês moderno não invalidam seu tratamento como um tipo de frontamento estilístico.

5.2 Características informacionais do FI/P

Verifiquemos agora as características informacionais que vêm sendo atribuídas ao frontamento estilístico, e se há razões de acreditar que o FI/P no português antigo poderia ser classificado da mesma forma.

Como já mencionado, para Fischer (2010), o sintagma se move para uma posição que pode codificar foco ou avanço de plano, um termo que não foi apresentado de maneira clara; antes, relaciona-se a uma ideia vaga de “ênfase”, talvez um tipo de topicalização. Numa tentativa de tornar mais clara a busca por diferentes valores de foco, considero o trabalho classificatório de Jiménez-Fernández (2015), que até onde sei, é o mais completo quanto a esse assunto. No entanto, com relação ao conceito de frontamento resumptivo (*resumptive preposing*), divirjo desse autor, mantendo a proposta original de Leonetti; Escandell-Vidal (2009) para o espanhol contemporâneo; para eles, esse fenômeno teria um valor de foco de verdade (*verum focus*). Portanto, na base de dados coletada, entende-se que há quatro tipos de foco, exemplificados como a seguir.

(20) a. Foco contrastivo

{Queimarnos podeis vós,}

mas *dar* nom volo podemos, que nom sabemos dele nada. (*José de Arimateia*)

⁴ No entanto, Franco (2009) defende a existência da lacuna de sujeito para o italiano antigo, e deriva-a a partir da Condição de Sujeito, amparada pressupostos cartográficos.

b. Foco informacional

{E, se vos allo quisedes hyr, levade esta mea sortelha}
e, tanto que a elle vyr, *conhecer-vos* ha per ella. (*Crônica Geral de Espanha*)

c. Foco mirativo

{E disse: Uerdadeiramente esta he a besta pos que meu padre andou tam
lõgamente e porque soffreo tanto trabalho.}

Certas, *hir* quero apos ella por saber se Deos me querrera hi dar mjlhor
andança ca a meu padre deu. (*Demanda do Santo Graal*)

d. Foco de verdade (fronteamento resumptivo)

{Quando esto ouvio Calogrenac, foy spantado e disselhe: Uerdade he
que o queredes matar.}

Matar o quero, disse elle, que o nom leixarey por uos nẽ por outrem ca
mujto mo mereço. (*Demanda do Santo Graal*)

Em (20a), nota-se a existência de foco contrastivo a partir do contexto adversativo; em (20b), há foco informacional — podendo-se imaginar a seguinte pergunta subentendida “O que ele fará com ela (a sortilha?)”;⁵ em (20c), trata-se de foco mirativo, pois a ação de ir ao encontro da besta é inesperada no contexto (é uma expectativa geral que se fuja de um monstro, e não que se vá em sua direção); em (20d), trata-se de foco de verdade, pois o falante confirma a afirmação de outro, usando para isso o recurso de FI. Deixarei o debate sobre esse último tipo de foco para a próxima subseção.

A apresentação acima se limita a exemplos extraídos da base de dados, que não incluiu outros tipos de constituintes que poderiam igualmente ser caracterizados como tipos de fronteamento estilístico. Por exemplo, considere-se o caso de fronteamento de quantificador:

- (21) {E, quando os mouros foram certos em como viinha el rey de Leon,
descercarom Santarem e fugirom.}
Muito lhe agradeceu el rey de Portugal por que o veera descercar.
(*Crônica Geral de Espanha*)

Uma análise desse tipo de exemplo ultrapassa o escopo do presente texto, e por essa razão não me pronuncio sobre o valor do foco expresso por esse tipo de fronteamento, que demandaria um estudo qualitativo detalhado. Na literatura

⁵ O foco é estreito aqui porque (i) o auxiliar *ha* é vazio semanticamente, introduzindo tão somente a noção de futuro e (ii) o constituinte com valor de instrumento (*per ella*) é pressuposto, pois se refere à sortilha (=o anel).

há duas opções: foco de verdade (LEONETTI e ESCANDELL-VIDAL, 2009) e foco largo (JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, 2015). Concordo com esse último autor que o fronteamento ligado a foco não implica a existência de foco estreito, como parece ser o caso com o foco mirativo, mas alguma indicação informacional suplementar ao interlocutor, relacionada a traços criteriais.

O que importa notar, a partir da apresentação acima, é que os dados de FI/P analisados parecem se coadunar com uma análise que o aproxima do fenômeno de fronteamento estilístico. Mais do que isso, parece se manter a correlação de Hrafnbjargarson (2004) de que a motivação para tal movimento é a marcação de algum tipo de foco. Na apresentação acima, graças a uma classificação mais detalhada de diferentes tipos de foco, amplia-se a caracterização de alguns casos de fronteamento estilístico em português e catalão antigos, classificados em de Andrade; Fischer (2017) como instanciações de focos informacionais ou contrastivos.

O problema que se coloca nessa altura é que até aqui ignorei os contextos encaixados, que apresentam detalhes dignos de nota. Informacionalmente, acredito que o estranhamento relacionado à atribuição de um valor marcado a frases como (11) é que, como se sabe, a focalização em contextos encaixados é bastante restrita, assim como outras funções informacionais ligadas à categoria tópico (cf. BIANCHI e FRASCARELLI, 2010). Portanto, faz sentido imaginar que, nesse contexto específico, um traço formal esteja envolvido na derivação, e o movimento ocorre como uma alternativa derivacional para satisfazê-lo.⁶ Confira os exemplos abaixo, em que, semelhantemente a (11), seria possível interpretar uma situação de foco largo, com sujeito nulo:

(22) a. ... nã fora descuberto [o que [vP (FI) *os mouros fazer*] queriaõ]

(*Demanda do Santo Graal*)

b. E como os do reyno estavõ desavãidos de dõ Garcia por aquello

[que [vP (FP) *dicto*] avemos]... (*Crônica Geral de Espanha*)

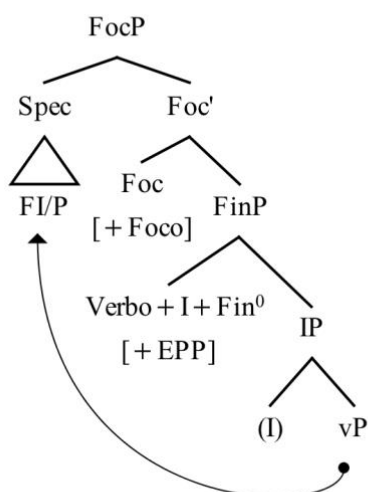
Nesses contextos, tem-se de fato a aplicação original do termo “fronteamento estilístico”, no sentido de ser uma operação derivacional que não traria nenhum aporte informacional específico.

⁶ Cf. Poole (2016) para uma proposta em que o traço formal pode ocorrer em qualquer contexto, generalização que não parece estar correta, como se explica no texto.

5.3 A proposta

A proposta aqui apresentada é que o movimento ocorre em contexto raiz sempre por um traço criterial de foco, presente na núcleo Foc^0 , para Spec,FinP , imediatamente à esquerda de FinP . O movimento envolve todo o vP , o que é possível por este ser uma fase (cf. RACKOWSKI e RICHARDS, 2005). Eventualmente, o vP pode se mover de forma remanescente, dando a impressão de que se trata de movimento de núcleo. Note-se que, a rigor, há dois vPs na estrutura abaixo, o mais alto incluindo o verbo auxiliar ou semi-auxiliar, e o mais baixo (reduzido, por não projetar CP ou TP) incluindo o verbo principal em forma não finita (cf. DE ANDRADE, 2015). O movimento mencionado atinge, por hipótese, somente o vP mais alto.

(23) Representação esquemática de FI/P em oração raiz



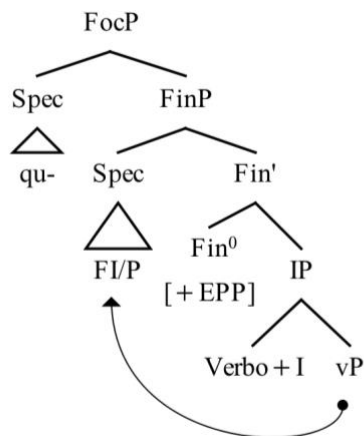
No caso das orações encaixadas, em que o fronteamto teria um valor propriamente estilístico (i.e., sem valor informacional próprio), é preciso considerar diferentes maneiras de satisfazer o traço formal em Fin^0 . De acordo com Ribeiro; Torres Morais (2011), deve-se considerar as três primeiras opções abaixo, às quais sugiro incluir uma quarta:

- via movimento de V para Fin;
- via movimento de Fin para Force;
- via concatenação de *que₂* em Fin;
- via movimento de vP para Spec,FinP .

A primeira opção, isto é, o movimento de V para Fin⁰, seria o mais básico, e estaria presente também em contextos encaixados, como sugerem de Andrade; Galves (2018). Segundo esses autores, o complementador em português antigo é gerado em Force⁰, o que torna o português antigo um tipo de gramática com V2 “simétrico”. Nesse sentido, não é preciso considerar a segunda opção (movimento de Fin para Force), já que tais núcleos teriam uma realização sincrética. Os casos de recomplementação correspondem à terceira opção, que será deixada aqui em suspenso por não ter sido encontrada na amostra. Assim, resta a quarta opção, que parece variar com a primeira.

No caso de orações relativas, considere-se a proposta, bastante em voga, de que todos os pronomes relativos seriam determinantes com valor sintagmático, isto é, DPs (cf. RINKE e AßMANN, 2017). Supondo também que os sintagmas relativizados se movem para Spec,FocP, esperaria-se não encontrar casos de fronteamento nesse contexto, contra os fatos. Esse é o contexto em que o quarto mecanismo poderia entrar em cena, no português antigo: ao lado do movimento de V para Fin, seria alternativamente possível encontrar o movimento de vP para Spec,FinP. Isso seria possível porque vP estaria equidistante ao verbo, pois estão em nós irmãos no marcador sintagmático. Confira a representação abaixo.

(24) Representação esquemática de FI/P em oração relativa



Acredito que essa proposta dá conta das principais características sintáticas e informacionais do fenômeno, sem ser necessário propor a existência de uma nova construção. De fato, a proposta que advoga um valor informacional associado ao fronteamento estilístico não encontra consenso nem mesmo na literatura sobre as línguas escandinavas. Portanto, nada mais natural

que imaginar que, em certos contextos, o fronteamento ocorra por requisitos puramente formais. Seguindo ainda de Andrade e Galves (2018), essa análise pode ser alargada para outros contextos encaixados, já que o complementador em português antigo é realizado em Force, e não em Fin.

Na subsecção a seguir, exploro algumas implicações adicionais dessa proposta.

5.4 Implicações e propostas alternativas

A primeira implicação que gostaria de mencionar é que a noção de avanço de plano (*foregrounding*), proposta adicionalmente em Fischer (2010) para dar conta de casos que parecem expressar ênfase, pode ser descartada; isso parece ser uma implicação positiva, já que essa noção não está devidamente formalizada. A noção de ênfase pode ser atribuída a casos em que o fronteamento estaria vinculado a um foco de verdade. Noutros casos, não há nem focalização nem ênfase, mas um movimento por requisitos puramente formais, como nos casos encontrados em contextos encaixados.

A segunda implicação da proposta consiste na desnecessidade de propor qualquer mecanismo adicional para se explicar os casos de mesóclise, derivados do fronteamento estilístico. Considerando adicionalmente a proposta de de Andrade e Fischer (2017), nota-se que havia uma correlação entre a possibilidade de fronteamento estilístico e a obrigatoriedade da subida de clíticos em línguas românicas medievais. Essa obrigatoriedade deve ser entendida como sendo resultante ou da excorporação do clítico face ao verbo não finito, como em (25a), ou do seu movimento “de carona” com esse verbo, por meio do processo de fronteamento estilístico, como em (25b) (Cf. a frase da *Crônica Geral de Espanha: Mas eu mandar t’ey deitar ãna prisom*):

(25) a. [_{FocP} [_{vP} mandar] [_{FinP} te ey ...]]

b. [_{FocP} [_{vP} mandar-te] [_{FinP} ey ...]]

Nos dois casos, no entanto, o resultado é o mesmo, isto é, o clítico não pode ocorrer antes do verbo não finito. Isso é um resultado puramente da sintaxe, em (25a), e conjunto entre sintaxe e morfologia em (25b), já que o clítico se move pós-sintaticamente para a direita do verbo não finito nesse caso (cf. GALVES e SANDALO, 2012, para uma motivação desse tipo de movimento no português clássico).

A terceira implicação diz respeito à previsão de que haja casos de movimento para Spec,FocP na periferia baixa do português antigo. Note-se que a existência de *scrambling* baixo é esperado tendo em vista certa associação entre a ativação das diversas periferias de fase (cf. POLETTI, 2014). De fato, a ativação da periferia do vP já foi documentada para esse estágio do português em de Andrade (2015), em casos de sintagmas nominais em contexto de verbos causativos:

(26) [TopP Sagramor [FinP fez [vP sa lança voar]]]

Como demonstrado naquele trabalho, o português antigo só dispunha da construção *fazer*-infinitivo, que implica a adjacência V-V, isto é, que o sujeito do domínio infinitivo ocorra em posição pós-verbal. Isso implica que *sa lança* está em posição deslocada ao vP. Esse fenômeno só seria visível em predicados complexos pois em predicados simples o movimento de um DP para a periferia baixa do vP não é geralmente visível em termos de linearização.

A quarta implicação é que não seria possível, em contextos raiz, encontrar um constituinte focalizado ou *qu-* ao lado de um constituinte FI/P, já que nesses casos, a posição envolvida, Spec,FocP, já estaria preenchida. Até onde observei, essa restrição se sustenta no português antigo.

Passo agora a críticas que têm sido levantadas com respeito à ideia de fronteamto estilístico, aplicando-o às línguas românicas. Para tanto, trarei três observações feitas com respeito ao espanhol antigo, supondo que a análise aqui proposta é aplicável a essa língua. Isso se deve ao fato de que a discussão sobre a proposta de Fischer (2010) se deu sobretudo entre estudiosos do espanhol e do catalão antigos.

Primeiro, alguém pode questionar que, em orações matrizes, o fronteamto estilístico sempre demarque foco, tendo em vista a decisão feita na seção 5.2 que considera o fronteamto resumptivo como uma indicação de foco de verdade. — cf. (20d). De fato, Jiménez-Fernández (2015) questiona essa associação, com base nos seguintes argumentos:

- a) o “verdadeiro” tipo de fronteamto resumptivo envolveria casos como o que se ilustra abaixo, onde o sintagma determinante *esas mismas cosas* teria um valor de tópico tematizador (*aboutness topic*), pois não poderia ser transformado numa estrutura enfática do tipo {*sí que...*}, tomada como

evidência de foco de verdade (exemplo de VARGAS LLOSA, 2013, citado em JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, 2015, p. 55):

- (26) {Estaba cruzando un puente colgante y Lituma vió
estaba cruzando una ponte pênsil e Lituma viu
que un grupo de churres se bañaban,
que um grupo de meninos se banhavam
chapoteando y haciendo alharaca en las orillas
chapinhando e fazendo barulho nas margens
arenosas del río.}
arenosas do rio
Esas mismas cosas habian hecho él con su primo León...
essas mesmas coisas haviam feito ele com seu primo León
'Estava cruzando uma ponte pênsil e Lituma viu que um grupo de
meninos tomavam banho, batendo na água e fazendo barulho nas
margens arenosas do rio.'

- b) O elemento fronteado tem estatuto informacional [+dado], razão pela qual seria incompatível com o valor de foco.

Quanto à primeira crítica, observa-se que o exemplo posto em causa pelo autor é bastante distinto daquele que Leonetti e Escandell-Vidal (2009) discutem. Ou seja, Jiménez-Fernández pode ter razão em afirmar que a proposta desses autores não se aplica a todos os sintagmas com valor resumptivo, mas daí a colocar por terra a proposta daqueles autores é um exagero. De fato, a interpretação de *esas mismas cosas* em (26) não é resumptiva no sentido de *token*, mas no sentido de *type*, pois faz-se referência a eventos de mesmo tipo (tomar banho, bater na água, etc.) realizados por pessoas diversas. Ora, não é essa a interpretação que parece estar em causa no exemplo (20d).

Quanto ao segundo ponto, a literatura sobre foco e tópico já demonstrou que o estatuto informacional [+dado] não garante a classificação de determinado item como tópico, mas uma preferência nessa direção (cf. a distinção entre *novo* e *dado* referencial ou relacionalmente em GUNDEL e FRETHEIM, 2004). Além do mais, em português eventos só são topicalizados com a repetição do predicado (*Estudar, ele estuda*), enquanto em posição focal eles não apresentam esse requisito (cf. *É estudar o que eu quero*).

A segunda crítica a essa proposta foi formulada num domínio da proposta de fronteamento de quantificadores, que não está no escopo do presente texto, mas é mencionada aqui a título informativo. A crítica se refere à extensão de uma análise de foco de verdade a casos de fronteamento de quantificador, ou seja, aplicando a análise de Leonetti e Escandell-Vidal (2009) ao espanhol antigo, como faz Sitaridou (2011) — cf. (21) acima. Autores como Camus Bergareche (2008) e Mackenzie (2010), entre outros, acreditam que a melhor análise para frases como a seguinte seria de foco largo (exemplo de ROJAS, 1499/1502, citado em CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 435):

- (28) ...donde *mucho* no só conocida la primera vez
... onde muito NEG sou conhecida a primeira vez
'...onde não sou muito conhecida na primeira vez'

Mucho tem valor adverbial nessa frase (ocorrendo em lugar do esperado *muy*) e, segundo o autor, se move para garantir seu escopo largo.⁷ Relembro, quanto a essa questão, que o movimento para Spec,FocP não implica a existência de foco estreito, como já se mencionou, o que não entra em discordância com essa proposta (cf. a assunção de um módulo informacional autônomo). A possível interpretação distinta do espanhol moderno tampouco é empecilho para a proposta de fronteamento estilístico.

A terceira crítica possível advém de trabalhos que atribuem um efeito de cópia de padrões latinos nos manuscritos, ou de um efeito retórico, como sugeriu Elvira (2017). O que une essas duas visões é que o fronteamento estilístico seria visto como um elemento estranho à gramática, ou típico de sua “periferia”. Como observou Castillo Lluch (1996) num detalhado trabalho filológico sobre os *Foros de Alcaraz e Alarcón*, em vários exemplos haveria um efeito de *variatio*, com a manutenção de uma ordem latina O-V, que estaria relacionada a $V_{\text{não finito}}-V_{\text{finito}}$. Contudo, a existência dessa construção numa grande variedade de textos e em várias línguas românicas antigas faz com que reduzir o problema a um efeito de cópia de padrões latinos seja uma hipótese pouco provável. Como observa Batllori (2011), pelo menos uma parte dos casos realmente demonstra um valor que expressa a língua-I dos falantes, e é nessa hipótese que o presente estudo está calcado.

⁷ Note-se que o português moderno perdeu a distinção entre quantificador adverbial e adjetival. Semelhantemente ao espanhol moderno, em português antigo essa distinção existe, pelo menos em alguns textos (*muy* vs. *muito*).

Apesar dessas visões divergentes sobre a questão do FI/P em face de outros tipos de fronteamto, a análise que interpreta ser esse um caso de fronteamto estilístico para as línguas românicas antigas não pode ser descartada tão somente por causa da atribuição de um valor informacional específico ao item fronteado, que é o aspecto sobre o qual as duas primeiras críticas acima se referem. Por outro lado, ela é capaz de responder aos questionamentos que alguns autores têm apresentado, no sentido de prever casos em que o movimento não está associado a um valor informacional marcado.

Acredito que a análise aqui proposta é preferível dada a sua simplicidade: o movimento de diferentes tipos de constituintes é associado a um único gatilho sintático. Finalmente, essa análise é tipologicamente adequada, já que não é preciso supor uma diferença fundamental entre línguas românicas e germânicas que, como se torna cada vez mais aceito, compartilham alguns traços sintáticos importantes que encontram explicações sociohistóricas ligadas a efeitos de superstrato (cf. PINTO, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta para o fronteamto de infinitivos e participios (FI/P) em português antigo aqui defendida é a de que esse movimento consiste num subtipo de fronteamto estilístico. As razões para esse posicionamento são:

- a) no aspecto sintático, o português antigo se conforma com as principais características associadas a essa construção, como a adjacência V-V e o movimento curto, sendo que a possibilidade de o movimento sobre o marcador de negação e a ocorrência de sujeitos em posição canônica derivam de requisitos típicos de FI/P na gramática do português antigo, isto é, de que se trata de um movimento de sintagma em uma língua de V2 “relaxado” com movimento de V para C;
- b) no aspecto informacional, o português antigo, assim como outras línguas românicas, apresenta casos de FI/P associados a diferentes tipos de foco, enquanto noutros casos não parece haver qualquer informação a ser sinalizada para o interlocutor; isso pode ser contemplado notando-se que em alguns casos o movimento ocorre para a satisfação de um traço formal, sem vinculação com um traço criterial.

Com este trabalho espero demonstrar a viabilidade da aplicação da proposta de fronteamto estilístico para o português antigo, assim como já foi feito para outras línguas românicas, como o francês antigo (MATHIEU, 2006) e o italiano antigo (FRANCO, 2009), sem contar o trabalho de âmbito mais geral de Fischer (2010). Por lidar só com o fronteamto de infinitivos e participios, que representa um subconjunto das possibilidades de sintagmas que sofrem fronteamto estilístico, o presente texto tem um caráter programático. Dessa forma, uma análise pormenorizada do fronteamto de quantificadores e advérbios fica para trabalho futuro.

Algumas dificuldades a serem consideradas pelos pesquisadores interessados nesse tema são: (i) a interpretação informacional de exemplos de diacronias passadas, já que o analista tende a extrapolar sua visão sincrônica; (ii) a necessidade de buscar uma teoria que explique melhor a ocorrência de focos marcados, em correlação com seu escopo; (iii) a possibilidade de gramaticalização em curso de certos itens lexicais, como no caso dos quantificadores do espanhol.

FONTES PRIMÁRIAS

CAESAR, Gaius Julius. *Commentarii de Bello Civili*. *Bibliotheca Teubneriana Latina Online*, 2009 [52 a.C.]. [<https://www.degruyter.com/view/db/btl>]

Calila e Dimna. Ed. por Juan Manuel Cacho Blecúa; María Jeus Lacarra. Madri: Castalia, 1993[1251].

Cantar de Mio Cid. Ed. por Ramón Menéndez Pidal. Madrid: Espasa-Calpe, 1976[~1200].

Crônica Geral de Espanha (ms. L). Ed. por Luís Filipe Lindley Cintra. Lisboa: APH, 1951[1344].

Demanda do Santo Graal (ms. 2594, Viena). Ed. por Sílvio de Almeida Toledo Neto. Ms. University of São Paulo, 2015[~1230].

Documentos Legais = Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI. Ed. por Ana Maria Martins. Lisboa: INCM, 2001.

José de Arimateia (Cod. ANTT 643). Ed. por Ivo Castro. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa). Universidade de Lisboa, Lisboa, 1984[~1350].

LLULL, Ramon. *Llibre de Meravelles*. Barcelona: Barcino, 1931[1288].

ROJAS, Fernando de. *La Celestina. Tragicomedia de Calisto y Melibea*. Ed. por Francisco J. Lobera *et al.* Barcelona: Crítica, 2000 [1499/1502].

SILVA, Feliciano de. *Lisuarte de Grecia*. Ed. por Emilio J. Sales Dasí. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2002[1514].

VARGAS LLOSA, Mario. *El héroe discreto*. Madri: Alfaguara, 2013.

REFERÊNCIAS

DE ANDRADE, Aroldo. Construções causativas no português antigo e clássico: o *scrambling* e a emergência da Marcação de Caso Excepcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 7-58, 2015.

DE ANDRADE, Aroldo; FISCHER, Susann. Degrammaticalisation indices in Iberian complex predicates? Ms. Universidade Estadual de Campinas; Universidade de Hamburgo, 2017. Disponível em:
[https://www.academia.edu/33543210/_Andrade_and_Fischer_Degrammaticalisation_indices_in_Iberian_complex_predicates] Acesso: 10.fev. 2018.

DE ANDRADE, Aroldo; GALVES, Charlotte. Contrast and Word Order: a Case-Study on Old and Classical Portuguese. Ms. Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Estadual de Campinas, 2018.

ANTONELLI, André. Sintaxe da Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu. 2011. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BATLLORI, Montserrat. Mesoclitic Romance futures vs. Participle Preposing. Ms. Universitat de Girona. 2011. Disponível em:
[<http://www.ling.upenn.edu/Events/DIGS13/batllori.pdf>]. Acesso em: 10 jan. 2018.

BIANCHI, Valentina; FRASCARELLI, Mara. Is Topic a Root Phenomenon? *Iberia: An International Journal of Theoretical Linguistics*, v. 2, n. 1, p. 43-88, 2010.

CAMUS BERGARECHE, Mario. Avance de cuantificadores en español medieval. In: COMPANY, Concepción; MORENO DE ALBA, José. (eds.) *Actas del VII Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*. vol. 1. Madri: Arco/Libros, 2008, p. 431-447.

CASTILLO LLUCH, Mónica. El orden de palabras en los fueros de Alcaraz y de Alarcón. *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, Lyon, v. 21, n. 1, p. 273-291, 1996.

CHOMSKY, Noam. Some notes on the economy of derivation and representation. *MIT Working Papers in Linguistics* 10, p. 43-74, 1989.

CHOMSKY, Noam. On phases. In: FREIDIN, Robert; OTERO, Carlos; ZUBIZARRETA, Maria Luisa (eds.). *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, MA: MIT Press, 2008, p. 133-166.

ELVIRA, Javier. La pervivencia del colon en castellano medieval. Ms. Universidad Autónoma de Madrid, 2017. [Palestra apresentada no Seminário Internacional sobre a

ordem de palavras nas línguas ibero-românicas, UFBA, Salvador, 31 de julho a 2 de agosto de 2017].

ERTESCHIK-SHIR, Nomi. *The Dynamics of Focus Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FISCHER, Susann. *Word-order change as a source of grammaticalisation: A comparative historical study of oblique subjects and stylistic fronting in Romance and Germanic*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

FRAENKEL, Eduard. Kolon und Satz. Beobachtungen zur Gliederung des antiken Satzes I. *Nachrichten der Göttinger Gesellschaft der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse*, p. 197-213, 1932.

FRANCO, Irene. Verbs, Subjects and Stylistic Fronting: a comparative analysis of the interaction of CP properties with verb movement and subject positions in Icelandic and Old Italian. 2009. 268 f. Tese (Doutorado em Ciências Cognitivas). Universidade de Siena, Siena.

FRASCARELLI, Mara; HINTERHÖLZL, Roland. Types of topics in German and Italian. In: SCHWABE, Kerstin; WINKLER, Susanne (eds.) *On Information Structure, Meaning and Form: generalizations across languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2007, p. 87-116.

GALVES, Charlotte; SANDALO, Filomena. From intonational phrase to syntactic phrase: the grammaticalization of enclisis in the history of European Portuguese. *Lingua* 122, p. 952-974, 2012.

GUNDEL, Jeanette K.; FRETHEIM, Thorstein. Topic and Focus. In: HORN, Laurence; WARD, Gregory (eds.) *The Handbook of Pragmatics*. London: Blackwell, 2004, p. 175-196.

HOLMBERG, Anders. Scandinavian Stylistic Fronting. *Linguistic Inquiry*, v. 31, n. 3, p. 445-483, 2000.

HRAFNBJARGARSON, Gunnar Hrafn. Stylistic Fronting. *Studia Linguistica*, v. 58, n. 2, p. 88-134, 2004.

JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, Ángel L. Towards a typology of focus: Subject position and microvariation at the discourse-syntax interface. *Ampersand*, v. 2, n. 1, p. 49-60, 2015.

JÓNSSON, Jóhannes Gísli. Stylistic Fronting in Icelandic. *Working Papers in Scandinavian Syntax*, n. 48, p. 1-43, 1991.

LEONETTI, Manuel; ESCANDELL-VIDAL, Victoria. Fronting and Verum Focus in Spanish. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel (eds.) *Focus and Background in Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 155-204.

MACKENZIE, Ian. Refining the V2 Hypothesis for Old Spanish. *Bulletin of Hispanic Studies*, v. 87, n. 4, p. 379-396, 2010.

MALING, Joan. Inversion in Embedded Clauses in Modern Icelandic. In: MALING, Joan; ZAENEN, Annie (eds.) *Syntax & Semantics: Modern Icelandic Syntax*. London: Academic Press, 1990, p. 71-91.

-
- MARTINS, Ana Maria *et al.* *Corpus “Word Order and Word Order Change in Western European Languages.”* Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: [<http://alfclul.clul.ul.pt/wochwel/index.html>]. Acesso em: 15 jun. 2017.
- MATHIEU, Éric. Stylistic Fronting in Old French. *Probus*, v. 18, n.1, p. 219–266, 2006.
- PINTO, Carlos Felipe. Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol. 2011. 309 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- POLETTI, Cecilia. *Word order in Old Italian*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- POOLE, Geoffrey. Defending the “Subject Gap” Requirement: Stylistic Fronting in Germanic and Romance. *Working Papers in Scandinavian Syntax*, v. 79, n. 1, p. 1-19, 2007.
- POOLE, Geoffrey. Focus and Syntacticization of Discourse. In: CARRILHO, Ernestina *et al.* (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 10: Selected papers from Going Romance 28*, Lisbon. Amsterdam: John Benjamins, 2016, p. 191-210.
- RACKOWSKI, Andrea; RICHARDS, Norvin. Phase Edge and Extraction: A Tagalog Case Study. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 4, p. 565-599, 2005.
- RIBEIRO, Ilza M. O. A sintaxe da ordem no português arcaico; o efeito V2. 1995. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- RIBEIRO, Ilza; TORRES MORAIS, Maria Aparecida. Doubling-*que* embedded constructions in Old Portuguese: a diachronic perspective. In: GALVES, Charlotte, *et al.* (eds.) *Parameter Theory and Linguistic Change*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 97-166.
- RINKE, Esther; AßMANN, Elisabeth. The syntax of relative clauses in European Portuguese. Extending the Determiner Hypothesis of relativizers to relative *que*. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, n. 16, v. 4, p. 1–26, 2017.
- RIVERO, María-Luía. Long Head Movement vs. V2, and null subjects in Old Romance. *Lingua*, v. 89, n. 2-3, p. 217-245, 1993.
- ROBERTS, Ian. *Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ROBERTS, Ian. *Agreement and Head Movement: clitics, incorporation, and defective goals*. Cambridge, MA: MIT Press, 2010.
- RÖGNVALDSSON, Eiríkur; THRÁINSSON, Höskuldur. On Icelandic Word Order once more. In: MALING, Joan; ZAENEN, Annie (eds.) *Modern Icelandic Syntax*. San Diego: Academic Press, 1990, p. 3-40.
- SIGURÐSSON, Halldór. Stylistic Fronting. Ms. Universidade de Tromsø, 1997. [Trabalho apresentado no Workshop “Subjects, Expletives and the EPP”.]
- SITARIDOU, Ioanna. Word Order and Information Structure in Old Spanish. *Catalan Journal of Linguistics* 10, p. 159–184, 2011.
- SPEVAK, Olga. *Constituent Order in Classical Latin Prose*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

THRÁINSSON, Höskuldur. *The syntax of Icelandic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

WOLFE, Sam. *Microvariation in Medieval Romance Syntax: A Comparative Study*. 2015. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística). University of Cambridge, Cambridge, UK.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 20 de fevereiro de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 20 de março de 2018.